

CAPÍTULO 2

EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS: TRANSLINGUAGEM ENTRE POLONOFALANTES EM CRUZ MACHADO, PARANÁ

Karolina J. Zaremba

2.1 INTRODUÇÃO

Em 1998, no artigo sobre o mito do falante nativo, Thiru Kandiah discute as várias manifestações do conceito na virada do novo milênio. Ele cita outro linguista, Thomas Paikeday, segundo o qual o termo deveria ser entendido como designador de um usuário proficiente de uma língua (1985, p. 87). Ao comentar a proposta, Kandiah observa: “É muito bom declarar que ‘o uso deve sempre reinar supremo’ [PAIKEDAY, 1985, p. 12], mas as questões permanecem: ‘uso de quem e por quê?’”¹ (KANDIAH, 1998, p. 91). Essas perguntas mostram-se especialmente relevantes na pesquisa de populações de falantes que não se encaixam no grupo mais comumente estudado por linguistas, nomeadamente o grupo monolíngue, jovem, disponível e letrado (POLINSKY, 2018, p. 27-28). O jeito de falar da população que corresponde a essa descri-

1 No original: “It is all well and good to declare that ‘usage should always reign supreme’, but the questions remain, ‘whose usage and why?’”. Todas as traduções são minhas, KJZ.

ção é um objeto frequente de explorações científicas e torna-se um ponto de referência natural para novos estudos, apesar do fato que uma grande parte, se não a maioria, da população mundial não preenche todos esses critérios (cf. COOK, 2002b; GROSJEAN, 2010; e POLINSKY, 2018, p. 27-28, sobre a prevalência de bi e plurilinguismo no mundo). Essa situação enviesa os dados linguísticos disponíveis. Pontos de referência dependem certamente do objetivo da pesquisa, mas os padrões monolíngues devem ser sempre completados por estudos que adotam uma perspectiva mais relevante para os próprios falantes: membros de comunidades plurilíngues, frequentemente isolados do contexto prescritivo do uso da língua. Como exemplo, ponderemos a situação do dialeto cruz-machadense, um código linguístico geneticamente ligado ao polonês europeu, com influências portuguesas e possivelmente eslavas orientais, usado no interior, no ambiente colonial no município paranaense de Cruz Machado.

Falantes do dialeto cruz-machadense são na sua esmagadora maioria plurilíngues, moradores de colônias rurais distantes de centros urbanos e possuídos do letramento funcional em português, sem letramento em outros códigos usados no município. A tendência de pesquisadores para subsumir o dialeto cruz-machadense e outros dialetos semelhantes a estudos da “língua polonesa no Brasil” significa que, por muito tempo, o polonês europeu era a língua de referência mais comumente usada ao escrever sobre variedades coloniais. Foi o uso europeu, então, que “reinava supremo” na pesquisa. A situação do dialeto cruz-machadense e do polonês de imigração mais geralmente pode ser tratada como emblemática de outras comunidades que vivem uma situação de contato interlinguístico duradouro e têm desenvolvido um jeito de falar típico “só para elas próprias”. No presente capítulo, buscamos adotar a perspectiva dos próprios falantes sobre a prática comum em meios plurilíngues, nomeadamente *translanguaging*, ou translanguagem, que ainda recebeu pouca atenção no contexto das línguas de imigração no Brasil. Esse objetivo faz parte de uma proposta mais geral para seguir novos rumos na pesquisa dedicada a essa língua.

O capítulo baseia-se em um estudo empírico conduzido no município de Cruz Machado, PR, Brasil, e, com algumas reservas expressas a seguir, se alinha à área da pesquisa do polonês de imigração no Brasil. Em primeiro lugar, explicamos o que entendemos pelo termo “polonês de imigração”. Por aqui, apontamos também as áreas que ainda carecem da atenção científica. Depois, descrevemos o estudo que forneceu os dados para o presente capítulo. Na próxima seção, debruçamo-nos sobre o conceito de translanguagem e enfatizamos como ele transforma e facilita estudos de comunidades vivendo uma situação de contato interlinguístico duradouro. Em seguida, analisamos o que os próprios falantes estão dizendo sobre a qualidade “misturada” da sua língua e como eles próprios entendem o conceito. Apoiamo-nos por aqui no corpus do estudo e nos exemplos de pessoas na comunidade que, de várias maneiras, se adaptam a essa realidade plurilíngue. Destacamos a estreita ligação entre os atos de translanguagem e a emergência da cultura da fala e identidade linguística distintas.

2.2 O POLONÊS DE IMIGRAÇÃO

Por “polonês de imigração” é entendido no presente capítulo um dialeto da língua polonesa usado predominantemente em colônias rurais no Sul do Brasil. O polonês de imigração é geneticamente ligado ao polonês europeu e por tanto, como já mencionado, é frequentemente descrito pareado a ele. O polonês europeu é utilizado como um parâmetro de referência para os fenômenos observáveis na variedade brasileira e também adotado como tal pelos próprios falantes ao descreverem a sua língua a forasteiros (e.g. DELONG, 2016; FERREIRA, 2019; LINDE-USIEKNIEWICZ, 1997; MACIEL, 2010; WEPIK, 2017). Contudo, o polonês de imigração possui um caráter distinto, sendo no seu estado atual um resultado do encontro plurilíngue com um ponto de partida específico (ZAREMBA, 2021). Já que os imigrantes polono-falantes vindos da Europa eram na sua esmagadora maioria camponeses (MAZUREK, 2009, p. 26), a matriz do polonês de imigração falado hodiernamente no Brasil é constituída por vários dialetos poloneses usados no campo na Europa Central no século XIX e na virada do século XX. Em consequência, no seu estrato polonês, a variedade brasileira teria muito mais em comum com os dialetos rurais falados hodiernamente no campo polonês do que com o polonês europeu contemporâneo ensinado em faculdades brasileiras ou em cursos de Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (Celem) (polonês padrão;² DELONG, 2016; LINDE-USIEKNIEWICZ, 1997; ZAREMBA, 2021). É possível postular que a variedade falada nas colônias possa ser considerada um idioma novo, proveniente do contato (cf. ZAREMBA, 2021); no entanto, os mesmos falantes identificam-no univocamente como *mowa polska* “língua polonesa”, o que é um argumento indiscutível no caso.³ Dito isso, os falantes parecem cientes do caráter distinto da sua língua.

O polonês de imigração é uma das várias línguas de imigração faladas hoje em dia no interior do Brasil. Mas, a sua posição diverge radicalmente da situação de dialetos alemães também falados no ambiente colonial no Brasil. Enquanto os dialetos alemães são descritos, codificados e cooficializados em muitos municípios, o polonês de imigração situa-se, na melhor das hipóteses, só no início desse processo. Recentemente, a descrição dialetológica de um dos seus dialetos regionais foi feita por Zaremba (2021), mas além desse trabalho, o último estudo linguístico do polonês de imigração (aparentemente como um todo), focado na esfera léxica, foi conduzido há 40 anos atrás (KAWKA, 1982). No entanto, o contexto historiográfico e sociocultural dessa variedade tem sido pesquisado relativamente bem e de vários ângulos (cf. BIELENIN-LENCZOWSKA, 2020; FERREIRA, 2018; MAZUREK, 2009; MIODUNKA, 2003).

- 2 “Polonês padrão” é entendido por vários estudiosos poloneses como língua usada por pessoas cultas e aparece intercambiável com o termo “polonês literário” (e.g. MIODUNKA, 2003, p. 220-221; BAŃKO, 2001). No capítulo, “polonês europeu” é o termo preferido já que nos possibilita falar do polonês usado por polono-canadenses da primeira geração (que provavelmente exhibe alguns reflexos de contato) e na variação inerente na língua (enquanto o padrão visa minimalizar essa variação; HAUGEN, 1966, p. 931).
- 3 No entanto, o fato que um falante estado-unidense identifica a sua língua como “inglês” ou que um falante brasileiro identifica a sua língua como “português” não desfaz o status distinto dessas línguas em relação aos códigos usados na Inglaterra e em Portugal, respectivamente.

Após Kawka (1982), vários estudiosos têm dedicado o foco ao bilinguismo polono-português no ambiente colonial, buscando averiguar o grau da manutenção linguística e cultural, como a existência de possível diglossia ou substituição (e.g. CONFORTIN, 2002; DELONG, 2016; FERREIRA, 2019; KUCHARSKI, 1996; MACIEL, 2010; MIODUNKA, 2003). Por sua vez, os estudos no escopo do projeto VARLINFE (COSTA; LOREGIAN-PENKAL, 2015) investigaram a influência do polonês na produção em português de falantes bilíngues (VIEIRA, 2019; MILANESKI, 2017), mas também a variação dentro do polonês de imigração (COSTA, 2016; COSTA; GIELINSKI, 2014; NIEWIADOMSKI; COSTA, 2020, 2018). Esse panorama significa que a variedade brasileira se encontra em uma posição peculiar de ter o seu contexto histórico e sociocultural muito mais pesquisado do que o seu caráter dialetológico.

Ao usar o termo “polonês de imigração”, abandonamos o termo “dialetto polono-brasileiro” que aparece às vezes na literatura da área, por várias razões. Kawka (1982, 1988), que adota o termo após Stańczewski (1925), entende-o como referente à língua polonesa falada no Brasil como um todo, embora alguns recursos (FERREIRA, 2019; RAIMAN, 2018) pareçam interpretá-lo como uma designação da variedade falada em colônias (“polonês de imigração”, na terminologia do presente capítulo).⁴ A falta de clareza e a generalidade excessiva do termo já seriam razões suficientes para a substituição, mas, talvez, o motivo mais importante é que os falantes dificilmente se identificariam com uma designação tão técnica. Os próprios falantes denominam simplesmente a sua língua como *mowa polska* (“língua polonesa”).⁵ Impor-lhes um termo externo, ainda que só na literatura científica, longe dos seus olhos, parece problemático.⁶ Além disso, o termo desconsidera outras línguas com as quais o polonês dos primeiros colonos tem convivido ao longo dos anos, focando em português brasileiro e em polonês como se a variedade falada nas colônias atualmente fosse um produto da interação só desses dois. É indiscutível que a língua nacional tem sido talvez uma influência mais saliente. No entanto, é problemático restringir a discussão só a esses dois estratos. Por exemplo, o polonês cruz-machadense parece ter semelhanças estruturais com uma língua eslava-oriental, provavelmente ucraniano ou russo, ou até ambos (ZAREMBA, 2021). Três participantes do estudo, independentemente, mencionam falantes de polonês com ligações ucranianas.⁷ Esse rastro com certeza merece mais pesquisa, especialmente diante da complexidade em torno da emergente consciência ucraniana (cf. MASKE, 2017). Já que os primeiros colonos, chegados ao

4 O meu trabalho anterior (ZAREMBA, 2021) na sua versão não publicada usa esse termo no sentido da língua falada no ambiente colonial.

5 *Mowa* é um derivado do verbo *mówić* ‘falar’ e significa literalmente ‘fala’, mas é usado no sentido de ‘língua’. No polonês europeu, pertence ao registro literário, a palavra *język* ‘língua’ é mais comum modernamente.

6 Raiman (2018, p. 195) parece sugerir que *dialekt polsko-brazylijski* ‘dialetto polono-brasileiro’ possa ser visto como um candidato à cooficialização.

7 É difícil dizer o que essas ligações significam. Por exemplo, um falante diz enfaticamente: *Mój ojciec też nie umiał [po brazylijsku]. On Ukrainiec (...) z Ukrainy. Bo ja z Ukrainy (...) moje dziadki to z Ukrainy, z Polski, z Ukrainy* ‘Meu pai também não sabia [falar brasileiro]. Ele era ucraniano da Ucrânia. Porque eu sou da Ucrânia, meus avôs eram da Ucrânia, da Polônia, da Ucrânia’. Isso pode indicar uma conexão geográfica ou identitária (?), mas possivelmente também linguística.

novo mundo das terras partilhadas, eram presumivelmente plurilíngues (SZYDŁOWSKA-CEGŁOWA, 1990, p. 192), e muitos estados brasileiros tinham a política de misturar as etnias dentro de um assentamento (MASKE, 2017, p. 123), continuar com o termo “dialeto polono-brasileiro” na pesquisa parece presuntuoso.

Nesta altura, deve-se também reconhecer que o próprio termo “polonês de imigração” já é uma generalização. Na relativa ausência de descrições e codificações dessa língua, as variedades locais continuam sendo usadas majoritariamente na esfera oral e diferem de uma colônia para outra, sem falar na variação observada na escala maior. As diferenças tornam-se evidentes ao comparar as amostras de fala estudadas por Wepik (2017), Ferreira (2019) ou Zaremba (2021), que conduziram seus estudos em lugares distintos.⁸ Em algumas regiões brasileiras, falantes do polonês de imigração distinguem-se entre si com base no lugar da proveniência em territórios polono-falantes na Europa ou até com base na partição (FERREIRA, 2018, p. 178). Ademais, o Estado polonês, ocupado pela Prússia e os Impérios Habsburgo e Russo desde o século XVIII⁹ até o início do século XX, era, já para começar, um Estado pluriétnico e plurilíngue; mais de 100 anos da presença alheia só intensificou essa pluralidade. A estudiosa ucraniana Aleksandra Hnatiuk (2022) afirma que as partições russa e austríaca tinham uma maioria absoluta de habitantes “não poloneses”. Por isso, o termo “polonês de imigração” adotado neste capítulo deve ser tratado como hiperônimo, em plena consciência da diversidade que ele engloba.

Interessantemente, apesar do fato de que o bilinguismo polono-português no ambiente colonial tem sido um dos temas mais pesquisados no campo, os comportamentos linguísticos tipicamente observados em meios plurilíngues não atraíram muito o foco da pesquisa. Mudanças de códigos, especificamente, podem ser observadas em amostras de fala bilíngues (FERREIRA, 2019; MACIEL, 2010; WEPIK, 2017), mas considerando que a matéria desses estudos é diferente, o fenômeno é deixado de lado. DeLong (2016), que entre suas perguntas de pesquisa inclui uma sobre *code-switching*, só pode investigar o fenômeno indiretamente, já que ela não fala polonês europeu nem polonês de imigração.

Essa lacuna na pesquisa dedicada ao polonês de imigração fica ainda mais patente à luz de afirmações vindas dos próprios falantes. Um dos primeiros adjetivos que eles escolhem para descrever a sua língua a forasteiros é o adjetivo *misturado* (DELONG, 2016, p. 117, 118, 167; WEPIK, 2017, p. 82, 94). É essa a qualidade que eles reportam como a mais saliente, frequentemente antes de falar sobre arcaicidade e ruralidade da sua língua (WEPIK, 2017, p. 82; DELONG, 2016, p. 57, 117, 145, 161, 167). Essa característica tende a ser interpretada como um reflexo da baixa autoestima (DELONG, 2016, p. 161, 167) e não como parte importante da sua identidade linguística. Além do mais, os atos de translíngua providenciam um contexto natural para a variação que está sendo registrada em estudos de VARLINFE e basicamente cada estudo que vise medir o grau de preservação da língua no ambiente colonial.

8 Nas colônias: Áurea, Rio Grande do Sul, e Nova Erechim, Santa Catarina (WEPIK, 2017); Dom Pedro II perto de Curitiba, Paraná (FERREIRA, 2019) e várias colônias em Cruz Machado, Paraná (ZAREMBA, 2021).

9 As datas de três partições são 1772, 1793 e 1795. A nação polonesa ganhou independência só em 1918.

O presente capítulo debruça-se sobre as práticas de translinguagem na comunidade polono-falante em Cruz Machado, Paraná, e pode ser visto como um início de resposta à lacuna identificada no campo da pesquisa. O capítulo também faz parte de uma proposta mais geral de seguir novos rumos na pesquisa do polonês de imigração, inspirados, entre outros, pela atual política linguística do Brasil e pelas oportunidades abertas pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (MORELLO, 2012), pela pesquisa avançada dos dialetos alemães falados no Brasil (e.g. ROSENBERG, 2015; SAVEDRA, 2020), assim como pelas contribuições de pesquisas sobre as comunidades polono-falantes no ambiente colonial no Brasil. Esses rumos incluem mas não se limitam a: (1) focar na variedade falada no ambiente colonial aplicando uma relevante linha de base que não seja o polonês europeu (ZAREMBA, 2021); (2) levar em conta a diversidade e variação geográfica existente no conceito mais geral do “polonês de imigração”; (3) focar em comportamentos plurilíngues comuns no ambiente colonial, ou seja, em práticas linguísticas líquidas, e na competência plurilíngue das comunidades que frequentemente têm vivido cenários de contato interlinguístico duradouro; (4) focar na expressão plurilíngue, ou seja, em como os falantes usam as suas línguas para exprimir a sua cultura e identidade distinta; (5) tentar incluir em maior medida a interação endogrupal em vez de intergrupala na pesquisa; (6) focar na lógica interna e desenvolvimento independente da língua em vez de buscar supostas “interferências”, muitas vezes definidas em relação ao padrão alheio do polonês europeu;¹⁰ e (7) explorar a convivência do polonês de imigração com outras línguas no solo brasileiro, por exemplo russo e ucraniano.

O presente capítulo explora, de modo preliminar, a presença de translinguagem no ambiente colonial como normativa para uma comunidade plurilíngue e trata as palavras dos próprios falantes como fontes de informação. O adjetivo *plurilíngue* é usado no capítulo como referente ao conhecimento de mais de uma língua, que correspondentemente será nomeado *plurilinguismo*. Essa terminologia foi adotada em vez dos termos *bilíngue* e *bilinguismo* usadas comumente na literatura do tema por duas razões: (1) é difícil qualificar a possível competência, ainda que só passiva, em outras línguas, como alemão e ucraniano, mencionadas por alguns falantes, já que o conhecimento de línguas do status mais baixo em relação à língua nacional pode ser omitido, especialmente se a proficiência é passiva ou percebida como insuficiente aos olhos de forasteiros; e (2) o polonês europeu usado pela pesquisadora europeia nas entrevistas socioculturais do estudo sinaliza que as gravações registram uma interação entre falantes de códigos diferentes, independentemente de como definirmos a sua relação mútua. Além disso, é válido presumir que a situação de convivência duradoura de diversos códigos de comunicação na comunidade cruz-machadense, na qual convivem descendentes de imigrantes germano- e ucraniano-falantes,¹¹ tem criado uma cultura de negociação interlinguística constante, com os falantes tentando aproximar na comunicação o que eles percebem como traços de outras línguas ouvidas na sua comunidade (cf. THOMASON, 2003, p. 31). Por isso, é razoável falar sobre uma comunidade plurilíngue, competência plurilíngue e falantes plurilíngues.

10 Muitos exemplos dessas “interferências” citados na literatura não podem ser ligados à língua portuguesa do jeito definitivo (cf. ZAREMBA, 2021, p. 211-214 sobre supostas “réplicas” estruturais).

11 Essa informação é tirada do site do município Cruz Machado: <https://pmcm.pr.gov.br/historico/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

2.3 O ESTUDO

O capítulo baseia-se predominantemente no corpus constituído por Zaremba (2021). Para o estudo, conduzido em novembro de 2018, foram gravadas entrevistas socioculturais com 38 pessoas. Além disso, foram registradas também algumas interações adicionais com falantes do polonês europeu que visitavam o município na época. Todos os informantes transcritos (de uma amostra de entrevistas de 30 falantes com história linguística semelhante) para o estudo são falantes de polonês de imigração, moradores de diversas colônias dispersadas no município de Cruz Machado, Paraná, trabalhadores físicos, com letramento funcional em português (a maioria das pessoas entrevistadas tem educação primária incompleta) e sem letramento na língua ancestral. Eles também têm uma história linguística semelhante: aprenderam o polonês em casa e falavam exclusivamente a língua ancestral até irem à escola, onde aprenderam português.¹²

Tirando algumas nuances, o grupo revelou-se bastante uniforme quanto à sua proficiência na língua ancestral. Todos manejam a língua em nível que os possibilita manter a conversa além de frases simples de cortesia. Muitos vivem longe de centros urbanos. Alguns mantêm contato esporádico com um grupo de missionários polono-canadenses (falantes do polonês europeu da geração migratória, sem conhecimento do português), que vêm ao município duas vezes por ano por umas duas semanas no máximo. Uma viagem desse tipo providenciou também o contexto logístico para o estudo. Um dos objetivos do estudo foi apurar a linha de base para a descrição dialetológica do dialeto cruz-machadense; porém, as áreas de pesquisa incluíram também mudanças de código, práticas linguísticas e motivações para falar a língua. No presente capítulo são escolhidos os dados pertencentes especificamente à *translinguagem* na comunidade cruz-machadense.

Uma observação significativa nesse contexto é que as entrevistas foram enquadradas como um espaço para “falar polonês”. Isso é o que eu tipicamente dizia aos participantes ao introduzir o meu projeto e pedir permissão para gravá-los. Eu tipicamente começava com: “Eu queria gravar você/o senhor/a senhora falando polonês”, dito em polonês europeu, e explicava o meu projeto, mudando para português para explicar os conceitos acadêmicos necessários. Esse contexto específico já apresenta várias consequências importantes: (1) coloca a tônica no polonês de imigração, o que pode ter induzido algumas pessoas a prestar mais atenção à qualidade da sua fala; (2) sublinha o meu interesse (e o interesse do mundo acadêmico) na língua falada nas colônias; (3) enquadra a conversa firmemente como uma interação intergrupar, entre representantes de grupos diferentes e falantes de códigos diferentes (polonês europeu/polonês de imigração); e (4) sinaliza que conheço português, o que pode ter liberado algumas pessoas a recorrer mais à língua nacional (no entanto, as pessoas transcritas nunca mudaram à língua portuguesa totalmente e a matriz da produção registrada era firmemente o polonês de imigração). Todas essas consequências deveriam ser levadas em conta ao considerar os resultados do estudo.

12 Dois falantes são exceção a essa trajetória. Uma falante nunca foi à escola e, conseqüentemente, nunca aprendeu português. Outro falante não tem raízes polonesas e aprendeu a língua já na idade escolar (pré-púbere), ao trabalhar com pessoas falantes.

Nessas duas primeiras seções descrevemos as questões terminológicas e o panorama da literatura do tema, bem como o contexto da geração dos dados. A seguir, discutimos translinguagem, exploramos a relevância do termo para estudos de contextos plurilíngues e mostramos como a prática é aplicada ao ambiente colonial, por intermédio das palavras dos falantes em Cruz Machado.

2.4 TRANSLINGUAGEM, OU, QUAIS SÃO AS DISTINÇÕES RELEVANTES PARA FALANTES COLONIAIS?

Translanguaging (translinguagem) é um termo abrangente para o uso de todo repertório semiótico que pessoas plurilíngues têm à sua disposição (GARCÍA; LI, 2014, p. 22). Como tal, o termo foca na agência de próprios falantes – e na qualidade distinta da linguagem que está sendo criada por eles em meios plurilíngues. Em vez de olhar a língua como algo estático e final, a ideia de translinguagem – expressa em inglês em forma contínua do gerúndio – a vê antes como função de uma ação (MAZZAFERRO, 2018b, p. 89). O que falantes plurilíngues tipicamente fazem com as suas línguas torna-se a norma, algo “prosaico, ordinário, comum, um banal fato da vida”¹³ (BLOCK, 2008, p. 200). A qualidade da linguagem que emerge *transborda*, *transcende* e *transgride* os limites predefinidos, segundo os quais as línguas são standardizadas, segregadas e nacionalizadas como entidades discretas (cf. AUER, 2007; BAILEY, 2007; SCHNEIDER; JUNGBLUTH, 2021). Agência de falantes, produção de sentidos (*meaning-making*) e construção de papéis sociais por intermédio do comportamento linguístico plurilíngue são algumas questões exploradas na pesquisa do tema, que se debruça frequentemente sobre salas de aula plurilíngues (GARCÍA; LI, 2014, p. 46-136; HUANG, 2018; SIMPSON, 2020), mas também sobre várias comunidades vivendo um cenário de contato linguístico duradouro (e.g. MAZZAFERRO, 2018b; STARKS, 2018).

É importante enfatizar que translinguagem não é sinônimo de *code-switching* ou *code-mixing* e tampouco é um supertipo desses termos. O foco de *code-switching* é a alternância de códigos dentro da fala, e o foco de translinguagem é a criação de uma nova qualidade. Ao falar de translinguagem, pode-se discutir os comportamentos tipicamente explorados na literatura científica com essa nomenclatura, mas o termo não precisa os incluir nem se limitar a eles; reconhece antes que “o processo inteiro de usar a língua é diferente quando duas [ou mais] são disponíveis”¹⁴ (BIALYSTOK, 2001, p. 57, inserção minha). Por isso, dentro de translinguagem, podem-se explorar todos os meios de expressão que capitalizam na competência plurilíngue dos envolvidos, em todas as modalidades, como humor plurilíngue, referências intertextuais (cf. BAILEY, 2007, p. 268), sinalização visual, jogos de sotaques, mudanças de sentidos etc. Podemos falar em translinguagem também ao explorar interações ostensivamente monolíngues, porque uma interação, assim como participam pessoas plurilíngues, sempre será repleta de sentidos distintos.

13 No original: “prosaic, ordinary, commonplace, a fact of life and even banal”.

14 No original: “The entire process of using language is different when two languages are available”.

Um trecho do corpus cruz-machadense é um bom exemplo desse contexto. Como já descrito, os dados analisados neste capítulo foram colhidos por uma falante do polonês europeu e português. Eu viajava pela região acompanhada por um grupo de falantes do polonês europeu, todos (com uma exceção) não falantes do português. Esperadamente, esse contexto gerou interações interessantes. Nem todas foram gravadas, já que o estudo focava no polonês de imigração, visando chegar à base dialetológica da língua. Algumas, no entanto, surgiram espontaneamente, como o trecho a seguir. Os participantes são 4.M.44.IV,¹⁵ um morador local e falante do polonês de imigração e português; P, um falante do polonês europeu que não fala português; e M, um falante do polonês europeu que fala português e maneja polonês de imigração. Colono 4.M.44.IV está falando sobre a derrubada recente de um eucalipto que ele estava supervisionando (Palmeirinha, 14/11/2018).¹⁶

(1) 4.M.44.IV: *Musi ma z uosiem, dziesięć lat. Ale tak uo, na grubość.*

'Deve ter uns oito, dez anos. Mas é assim ô na grossura'

FALPOL¹⁷ P: *Ale to jest chwast!*

'Mas é só uma erva daninha'

4.M.44.IV: *Tak. [hesitante]*

'Sim'

FALPOL P: *Za dziesięć lat dwadzieścia metrów?*

'Em dez anos vinte metros?'

4.M.44.IV: *A idzie!*

'Ah, tá indo [=crescendo]'

FALPOL P: *To żadne drzewo tak nie rośnie.*

'Nenhuma árvore cresce do mesmo jeito'

15 Os códigos representam as seguintes informações: número, sexo (M/F), idade, geração (com geração migratória sendo calculada como primeira). Geração IV significa que foram os bisavôs do falante que chegaram ao Brasil da Europa. Essa informação foi providenciada pelos próprios falantes e considerando que muitos afirmam não se lembrar dos avôs, pode ser inexata. Em outras palavras, a sequência de gerações pode ser mais longa do que afirmada.

16 Os nomes das respectivas colônias também foram providenciados pelos falantes.

17 FALante POLonês (europeu).

4.M.44.IV: *Nie rośnie. Jak ten. A gdzie jaka **baniaczka**¹⁸ je, to gdzie un tak wode ciągnie sobie, to takuo so grube.*

*‘Não cresce. Como este. E onde há um **banhado**, já onde ele assim tira água para si, são grossos assim’*

FALPOL P: **Baniaczka?**

‘Banhado?’

FALPOL M: **Baniada**, *wiesz? **Baniada** to jes takie bagno, podmokłe tereny.*

‘Banhado, sabes? Banhado é tipo charco, terrenos alagados’

4.M.44.IV: *Rozumiesz, co to **baniada**? Nie wiedziałeś?*

*‘Entendes o que é **banhado**? Não sabias?’*

Nesse exemplo, vemos alguma inteligibilidade entre as variedades usadas pelos respectivos participantes; a conversa flui até encontrar um obstáculo. O falante P usa um item lexical, *chwast* ‘erva daninha’, que não é imediatamente reconhecido por 4.M.44.IV. O problema pode ser causado pela articulação do P, já que a pronúncia e entonação no polonês de imigração são muito diferentes do que no europeu. De todo modo, o 4.M.44.IV logo reconhece a partir da entonação de P que ele está em dúvida quanto ao tamanho da árvore derrubada e explica que eucaliptos costumam atingir alturas enormes, especialmente em solo favorável. Por aqui, ele usa uma designação colonial para “charco”, *baniaczka* (uma truncção do pt. “banhado”¹⁹ com um sufixo feminino polonês – *czka*). Isso provoca uma pergunta de P. Os falantes 4.M.44.IV e M, familiares à realidade colonial, procedem a explicar o item ao forasteiro, produzindo primeiramente um equivalente colonial mais transparente, *baniada*. Já que P não fala português, ele não é capaz de decifrar a designação, então M providencia alguns itens correspondentes do polonês europeu (*≈ bagno, tereny podmokłe*). Nas palavras finais do trecho, o falante 4.M.44.IV retoma a sua posição autoritária de “explicador” de fenômenos locais.

Agora, a pergunta é, o que acontece nessa interação descrita? Do ponto de vista que pressupõe uma separação *a priori* entre o português e polonês e junta o polonês europeu e o polonês de imigração como “uma língua”, trata-se de uma interação basicamente monolíngue. Temos falantes da “mesma língua” tropeçando com alguns

18 A maioria dos empréstimos nas citações do corpus cruz-machadense é adaptada morfossintaticamente. O presente capítulo não foca em processos dessa adaptação; para uma discussão detalhada veja Kawka (1982, 1988) e a atualização em Zaremba (2021: 200-207). Itens do português são colocados em **negrito**; itens do polonês europeu são sublinhados.

19 Segundo PRIBERAM, sentido 6: “[Brasil: Sul]”.

itens regionais, “brasileirismos” (KAWKA, 1982).²⁰ Mas, dentro do enquadramento de translinguagem, podemos analisar a interação como um intercâmbio complexo entre pessoas de atitudes linguísticas, códigos e estilos diferentes, que negociam essas diferenças graças à sua competência plurilíngue (cf. GARCÍA; LI, 2014, p. 21). Fica imediatamente claro, também, que a relação entre os códigos usados na interação é uma questão puramente teórica, e como os próprios falantes os constroem pode ser muito diferente do que é prescrito. Naturalmente, pode-se analisar a conversa usando o termo de *code-switching* em relação aos itens *baniaczka* e *baniada*, mas essa perspectiva também seria puramente arbitrária.²¹ O grau de adaptação morfosintática de *baniaczka* sugere que se trata de uma designação já arraigada no jargão local. Mas, é igualmente possível que o falante esteja improvisando de maneira que seria compreensível a membros da sua comunidade. Do ponto de vista da comunidade de fala, pode-se até dizer que os itens mais deslocados na conversa são os itens do polonês europeu (*bagno*, *tereny podmokle*). Já *baniada* é um item familiar para esses participantes da conversa que compartilham o conhecimento do português. Translinguagem revela-se então uma prática em seu cerne local, exclusiva, intimamente ligada à distinta identidade e cultura de uma comunidade plurilíngue.

No caso do polonês de imigração falado hoje em dia no ambiente brasileiro, a tradição de “misturar” os códigos na comunidade é antiga, o que reforça os laços com a nova identidade da emergente minoria polono-falante. Józef Stańczewski (1925, p. 6), no que pode ser chamado o primeiro estudo da língua colonial, escreve abismado sobre as práticas da terceira geração de migrantes, que, na sua opinião, “de forma flagrante abusa de empréstimos polonizados”²² e não sabe falar polonês nem português do jeito julgado por ele como aceitável. Ele prognostica também que a extinção da língua é um dado adquirido (STAŃCZEWSKI, 1925, p. 34). Quase 100 anos depois do seu estudo, já sabemos que estava errado: a língua sobreviveu, embora em um formato novo e distinto.

A condenação de Stańczewski é remanescente do comentário de Bloomfield (1927: 437) sobre um falante indígena que combina inglês e Menomini (a sua língua ancestral) na sua produção e “fala nenhuma língua toleravelmente”.²³ Por aqui, observa-se um prejuízo que tipicamente acompanha os atos de translinguagem: uma exigência que as línguas de uma pessoa plurilíngue permaneçam separadas (GARCÍA; LI, 2014, p. 15; GROSJEAN, 1989, p. 5). Esse estigma, porém, parece só intensificar a solidariedade entre pessoas plurilíngues que juntas criam uma nova realidade linguística, pois elas agora são cúmplices em um ato coletivo de passar das fronteiras entre entidades que possam ser vistas, a partir de fora, como irrevogavelmente separadas (cf. BAILEY, 2007, p. 259-260). No caso do polonês da imigração mais especificamente, esse estigma mistura-se com outros prejuízos que atingem a comunidade polono-falante. Há

20 O problema com *chwast* “erva danina” não ficaria muito registrado nessa perspectiva.

21 A resposta à pergunta fundamental formulada por Auer (1984, p. 28) sobre o que os próprios falantes entendem como a “variedade da língua A” e a “variedade da língua B” não sempre é clara em comunidades plurilíngues vivendo uma situação de contato duradouro, também veja seção 4.2.

22 No original: “szafuje już obficie temi spolszczonymi zapożyczeniami”.

23 No original: “He may be said to speak no language tolerably”.

discriminação contra pessoas da ascendência polonesa (GRITTI, 2004; PEREIRA, 2017; WOLNY, 2012), mas também contra falantes da língua minoritária e falantes rurais do português (ALTENHOFEN, 2004; BAGNO, 1999; LUCCHESI, 2015). Não ajuda que muitos desses preconceitos, como o preconceito contra toda fala fora do padrão, sejam fiscalizados e sancionados por pessoas cultas, aderentes à ideia do padrão e invariabilidade das línguas nacionais. Esse contexto social desfavorável deveria ser levado em conta em maior medida ao interpretar os resultados de estudos.

O que segue é uma exploração preliminar de translinguagem na comunidade de Cruz Machado. O tema é amplo e o corpus do estudo é substancial, por isso o tratamento é necessariamente seletivo. Em primeiro lugar, exploramos como são construídas as políticas linguísticas em torno da prática, vigentes na comunidade e no ambiente familiar em Cruz Machado. Depois, vemos como os falantes concebem da “sua língua” e de outros códigos ao seu redor, inclusive o polonês europeu. Isso ajuda-nos a entender como os códigos são indexados e explorados localmente. Ainda, apresentamos também vários exemplos de translinguagem ouvidos nas gravações. Finalmente, contamos histórias de pessoas que em várias maneiras se adaptam à realidade plurilíngue do município.

2.5 TRANSLINGUAGEM EM CRUZ MACHADO

2.5.1 POLÍTICA LINGUÍSTICA EM FAMÍLIA E COMUNIDADE

Política linguística em família (*family language policy*) é um nome dado a todas as decisões corriqueiras tomadas em casa em relação a questões linguísticas, usado na literatura predominantemente no contexto plurilíngue (SMITH-CHRISTMAS, 2016), embora famílias monolíngues também estabeleçam leis sobre o jeito de falar que elas acham “apropriado” para si. Política linguística em comunidade, por sua vez, seria semelhante a um entendimento coletivo sobre práticas linguísticas que envolvem membros da comunidade. Muitas vezes ao falar sobre política linguística, fala-se da política em grande escala – de “grandes decisões” tomadas por autoridades em relação à língua e sociedade (CALVET, 2007, p. 11). Mas, é um fato que línguas minoritárias desenvolvem, sobrevivem e morrem muitas vezes em contradição direta com os esforços de cima. O polonês de imigração é um ótimo exemplo: a língua sobreviveu por meio século de opressão e só se encontra em uma posição mais precária agora, quando a diversidade linguística no Brasil está começando a ser reconhecida, oficializada e celebrada. Esse desencontro tem, naturalmente, muitos motivos cuja exploração não faz parte desse capítulo. Porém, a agência de falantes minoritários e as escolhas que eles fazem diariamente em sua casa e sua comunidade devem ser levadas em conta. Nesta seção exploramos essas escolhas em relação à translinguagem para contextualizar a discussão mais detalhada que vem em seguida.

O que deve ser considerado, antes de mais nada, é que nos dados linguísticos obtidos em Cruz Machado não se observa um grande estigma contra a translinguagem em casa e na comunidade. Os participantes parecem abordar o tema de maneira direta:

(2) *Za to, że • my tutaj, jak my gadamy po polsku w domu, to tak jak **meio misturado**, nie? Bo tak jak z wamy to już trzeba troszeczkę **mais caprichado** gadać (7.M.43.IV, Cária Doce, 8/11/2018)*

*‘Porque por aqui, quando a gente fala polonês em casa, é como **meio misturado**, né? Com você já se precisa caprichar um pouco mais [**mais caprichado**]’*

O falante do excerto (2) ressalta a distinção entre a qualidade da fala que ocorre dentro do grupo e a fala usada com a pesquisadora que fala um código diferente (polonês europeu), ou seja, não pertence à comunidade. Ao mesmo tempo, ele dá a entender que a prática de “misturar” é controlada e aplicada criteriosa e judiciosamente. Em palavras científicas, os falantes têm acesso ao seu modo “monolíngue” (GROSJEAN, 1989),²⁴ ou seja, podem escolher restringir o uso do seu conhecimento da outra língua. A senhora cuja fala é transcrita em (3), por exemplo, nota a qualidade diferente da fala de várias pessoas na comunidade:

(3) *So sioady, że przydo, to tylko po polsku sie rozmawiajo • • bo dych co drugie, co przyjdzie, to tak • **misturado** po polsku i po brazylijsku (24.F.57. III, Lajeado Liso, 5/11/2018)*

*‘Tem vizinhos que vêm e falam só polonês e outros que vêm e **misturam** [**misturado**] polonês e brasileiro’²⁵*

Embora a matriz da conversa seja decididamente o polonês de imigração, os dois falantes usam o item do português, *misturado*, para descrever as práticas linguísticas em casa e comunidade. Não é só o idioleto deles. A tendência para usar o adjetivo português *misturado* e o verbo polonizado *misturować* ‘misturar’ com seus derivados é comum na amostra estudada, mesmo que o item correspondente do polonês *mieszać* ou *mi(n)sząć* seja conhecido também. A mesma alternância também acontece em contextos de miscigenação ou assimilação (e.g. *zmistrowany*²⁶ z *Polakami* ‘misturado

24 Grosjean (1989, p. 8) escreve: “In their everyday lives, bilinguals find themselves at various points along a situational continuum which induce a particular speech mode”. Na presença de falantes monolíngues, a pessoa bilíngue tentará desativar o outro idioma; na presença de falantes bilíngues, mudanças de código são compreensíveis e ativadas (GROSJEAN, 1989, p. 9).

25 No dialeto cruz-machadense a língua portuguesa é geralmente denominada brasileira, *brazylijski*.

26 O verbo português *misturar* torna-se base de um participio passado (PREFIX-*misturar*-MASC.SG).

com poloneses’). Essa preferência por um item do português quando o equivalente polonês é acessível é marcante. De fato, alguns falantes apresentam os dois, primeiro o português e então o polonês, talvez para o benefício da interlocutora forasteira. Esse jeito de falar é remanescente do que Blom e Gumperz (1972) chamam de uma mudança metafórica. A invocação de outra língua exemplifica e reforça o que está sendo dito na frase. Em outras palavras, com a alternância de *misturado*, os falantes demonstram o que significa o ato de “misturar”.

Dentro da amostra cruz-machadense, porém, “misturar” e “misturado” não são as expressões mais usadas em relação à fala translinguada, e sim a expressão polonesa *pól na pól* ‘metade a metade’, evocada por sete falantes (2.M.65.III, 4.M.44.IV, 10.M.65.III, 11.M.38.IV, 17.M.40.IV, 23.M.66.III, 28.M.52) em relação à língua usada com vizinhos e parentes. No exemplo transcrito em (4), um falante explica que a qualidade de fala depende da situação e presumivelmente, do interlocutor:

(4) **Depende.** (...) *jak on zacznie sie rozmawiac po polsku, to po polsku, jak po brazylijsku, to po brazylijsku, tak pól na pól* (11.M.38.IV, Palmital, 6/11/2018)

Depende. *Se ele começar falar polonês, em polonês, se português, português, assim metade a metade’*

Um falante usa a mesma expressão para descrever a identidade ambígua do seu grupo, o que realça a regularidade já discutida, de que translinguagem é uma prática intimamente ligada à identidade distinta da comunidade plurilíngue que *transcende* os limites não só linguística, mas também culturalmente:

(5) *Bo my mm takie Polaki pól na pól* (4.M.44.IV, Palmeirinha, 7/11/2018)

‘Porque nós [somos] assim poloneses metade à metade’

A fala em família é translinguada não só por causa da intimidade transmitida pela prática (GARCÍA; LI, 2014, p. 23). Segundo os relatos dos participantes, quando as gerações mais jovens vão para escola, elas começam a usar mais a língua nacional:

(6) *Mówie po polsku, tylko oneee tak o, respondem po brazylijsku* (9.F.41.IV, Vicinal D, 6/11/2018)

‘Eu falo em polonês, mas eles assim ô, respondem em brasileiro’

Como no caso do item *misturado*, a falante pode usar a palavra portuguesa *respondem* para exemplificar o que ela está descrevendo.

As reações dos pais a essa mudança são geralmente tranquilas. Significativamente, a interação desse tipo ainda implica uma competência substancial por parte dos filhos, se bem só passiva (cf. AU et al., 2002). Alguns pais afirmam que não desistem das práticas de falar polonês em casa, acreditando que isso influencie a competência dos parentes (8.F.37.IV; 13.F.45.IV); outros adotam a língua nacional em comunicação (21.F.52.IV) mas sem deixar de cuidar da sua proficiência. É o caso de 5.F.53.IV, uma das mais fluentes falantes do grupo, que usa a língua somente com alguns vizinhos e com o grupo polono-canadense. Outros pais realçam que apoiam os filhos em buscarem mais educação na língua ancestral por conta própria (1.F.46.IV). Ainda assim, uma senhora lamenta a mudança no comportamento do filho, enquadrando-a como uma fissura significativa na sua relação, talvez amplificada ainda mais pelo casamento recente do jovem. É importante notar que a insistência do rapaz em usar português em vez de polonês (ou fala translinguada) é também um ato simbólico de se afastar da herança plurilíngue da sua casa e comunidade:

(7) *Dzieci moje, jak małe były, wszyscyunio tylko po polsku. Jak poszły do szkoły, oni nie umieli po brazylijsku sie rozmawiać. A teraz znów wszystko po brazylijsku! Kiedyś jeden syn przyjechał i: Mama niech nie gada po polsku, bo ja nie rozumiem! Mówie: Co nie rozumiesz? – mówie. – Nie tak dawnoś sie ożenił, przódy tylko po polskuś gadał, a tera już nie rozumisz? (24.F.57.III, Lajeado Liso, 5/11/2018)*

‘Meus filhos, quando eram pequenos, tudinho só em polonês. Quando foram a escola não sabiam falar brasileiro. E agora de novo tudo em brasileiro! Uma vez um filho veio e [diz]: Que mamãe não fale polonês porque não entendo! Digo: Como é que não entendes? Digo: Há pouco tempo te casaste, antes só falavas polonês, e agora já não entendes?’

A mesma senhora afirma também que os jovens *nie dbajo* ‘não se importam’ com a preservação da língua, em oposição à sua geração, que a falante enquadra como um exemplo a seguir. Só o tempo mostrará quais são as escolhas reais da nova geração na comunidade. Deve-se notar, porém, que o mito da “era dourada”, segundo o qual as gerações mais jovens não sabem falar a língua e contaminam-na com gírias, anglicismos e erros gramaticais, é perpetuado também em contextos monolíngues. Os estudos recentes de substituição realçam que o processo não é linear como afirmado antes (cf. MAZZAFERRO, 2018b, p. 88-90). Stańczewski, que em 1925 anunciou a morte iminente do polonês no Brasil citando o fenômeno da fala “misturada” de jovens polono-falantes, com certeza poderia comentar nisso.

A seção mostrou, com base nos dados colhidos em Cruz Machado, que a translinguagem praticada em família e comunidade é uma ação permitida, significativa e controlada, estreitamente ligada à distinta identidade e cultura da comunidade plurilíngue. Na próxima seção, mostramos como os participantes do estudo constroem os diferentes códigos que têm à sua disposição.

2.5.2 “EM VOSSA LÍNGUA MUITO NÃO SE SABE DIZER”: CONSTRUÇÃO DE CÓDIGOS DISPONÍVEIS

Ao discutir o conceito de translinguagem e a razão por sua relevância em contextos plurilíngues, foi dito que para entender “o que se faz com a língua”, é necessário entender como os lados envolvidos constroem os códigos para si disponíveis. No caso de uma variedade relativamente pouco investigada, como o dialeto cruz-machadense, ou outros dialetos semelhantes do polonês de imigração, começar com essa pergunta é ainda mais crítico. Por enquanto, o consenso dos estudos do tema nessa matéria pode ser sumarizado nas palavras de Wepik (2017, p. 121): a maioria dos falantes investigados pela estudiosa vê a sua língua “de forma positiva, mesmo considerando[-a] como um dialeto errado, misturado, arcaico”; o polonês europeu, em contrapartida, é visto como “adequado” e “correto” (WEPIK, 2017, p. 115). Essa conclusão paradoxal deveria constituir um motivo para reanalisar as palavras dos falantes citados na literatura, pois parece que os padrões adotados como significativos por estudiosos não têm muita relevância para os próprios falantes.

Um motivo recorrente nos estudos do tema é que os falantes do polonês de imigração tentam, de várias maneiras, sublinhar o quanto a sua língua difere do polonês falado na Europa (DELONG, 2016; WEPIK, 2017). Essa tendência surgiu também no estudo cruz-machadense, no qual a figura da pesquisadora falante do polonês europeu e, em menor medida, o grupo polono-canadense (falantes do polonês europeu) providenciavam parâmetros de comparação muito naturais. O excerto de fala (8) é emblemático:

(8) *My jak sie urodziły, mama nasz uczyła tylko po polsku (...) ale nie tak jak wy gadata dych po polsku, bo wy gadata (...) jusz inaczyj, a nasz juuu[sz] bardzo **misturado, né** (4.M.44.IV, Palmeirinha, 7/11/2018)*

*‘Nós quando nascemos, mamãe nos ensinava só polonês, mas não como vós falais²⁷ assim polonês mesmo, porque vós falais já diferente, e o nosso já muito **misturado, né**’*

Nessa fala, é destacada em primeiro lugar a “natividade” do falante, que adquiriu polonês como sua primeira língua. (Retoma-se aqui a observação meio cínica de Kandiah, que no debate sobre “falante nativo”, nem natividade, nem ordem de aquisição

27 *Vós e vosso são usados para traduzir as desinências do antigo número dual com pronomes do número plural (uso comum no campo polonês).*

importam tanto quanto a qualidade da língua adquirida). O falante logo deixa claro que a sua língua difere do “polonês mesmo” incorporado pela pesquisadora. Ao mesmo tempo, os pronomes pessoais usados no excerto enfatizam a qualidade local do dialeto cruz-machadense: “vós” já falais diferente, e “o nosso” [idioma] tem um caráter distinto, “misturado”. O adjetivo pode indicar a qualidade translinguada do *input* paternal recebido pelo falante, mas, também, como indica o uso do adjetivo em contextos de assimilação e miscigenação, pode constituir uma designação abrangente para a totalidade de reflexos do contato interlinguístico já presente na língua recebida em casa. Nesse sentido, o adjetivo será aduzido por esse e outros falantes para sublinhar a qualidade nova e emergente que eles acham mais saliente em relação ao polonês europeu. Essa qualidade não desfaz a legitimidade da língua do falante – ela é “nossa” do jeito que o polonês europeu nunca será. Mais tarde na conversa, o mesmo falante exprime o pensamento em termos ainda mais explícitos. Trata-se por aqui de falantes do polonês europeu:

(9) *Gadajo, to sie zrozumie, né (...). Ale nie tyle jak my, né. My dużo tak, dużo tak jak wy gadata, na wasz język dużo sie nie wie powiedzieć, ale nie zrozumie nieraz, nie zrozumie wszystko, né. (...) Tak samo jak wy nie, nie rozumie wszystko, né* (4.M.44.IV, Palmeirinha, 7/11/2018)

Falam, então se entende, né. Mas não tanto quando nós [falamos], né. Nós muito assim, muito assim quando vós falais, em vossa língua²⁸ muito não se sabe dizer, mas não se entende muitas vezes, não se entende tudo, né. Mesmo como vós não, não entendeis tudo, né

Esse excerto de novo realça o valor local e “nosso” da língua colonial e constrói um limite firme entre dois grupos com seus respectivos jeitos de falar. Não é um limite completamente impermeável, já que o falante reconhece a existência de alguma inteligibilidade entre os dois códigos. No entanto, não é uma comunicação imediata e intuitiva como no caso de uma interação endogrupal. Esses dois excertos não são exceções. Em total, um terço dos falantes transcritos realça o caráter distinto do seu idioma, muitas vezes em oposição ao polonês europeu. Os falantes são cientes também da convivência da sua variedade com outras línguas, como no excerto (10), em que a palavra *pomieszalo* ‘misturou’ tem um sentido de contato linguístico.

(10) *Nie tak dycht dobrze człowiek gada, bo to w Brazylji to jest taka mowaaa polska meiooo eee jak to mówią • przeskoczuna. Bo tu wincy było • indiów tooo uod/ drugieeee, drugie • dysenije były i za to sie pomieszalo* (7.M.43.IV, Cária Doce, 8/11/2018)

28 A frase podia ser interpretada diferentemente: *jak wy gadata na wasz język, dużo sie nie wie powiedzieć* ‘quando vós falais vossa língua, muita coisa não se sabe dizer’. Essa leitura não muda, porém, o sentido da frase.

‘A gente não fala tão bem assim, porque o que tem no Brasil é uma fala polonesa meio, como dizem, atravessada.’²⁹ Porque aqui tinha mais índios, de segunda, segunda geração³⁰ tinha, e por isso se misturou’

Como explorado antes na seção sobre translanguagem, o conhecimento do “nosso” código implica o conhecimento da “nossa” cultura. No caso cruz-machadense, trata-se do distinto sistema de sentidos que se tem desenvolvido em ambiente colonial ao longo do século XX. Nesse processo, o recurso natural e disponível para os falantes era a língua portuguesa e outras línguas de imigração. Como visto, os participantes do estudo são cientes dessas influências. Pode-se dizer que alguns empréstimos mais antigos que funcionam na comunidade há muito tempo são muito mais familiares aos falantes do que os itens modernos vindos do polonês europeu. Alguns falantes conhecem os equivalentes europeus, mas parecem enquadrá-los como itens estrangeiros. Por exemplo, o item do polonês europeu, *kukurydza* ‘milho’, é quase sempre dado por poucos colonos que o conhecem como *kukurudza*, o que mostra influências ou ucranianas, ou austríacas. Em vez de *kukurydza* os falantes usam *milija*, uma polonização do *milho* que usa um jeito antigo de adaptar as palavras estrangeiras ao sistema fonotático polonês (DŁUGOSZ-KURBACZOWA, 2009).³¹ Nas entrevistas, os falantes notam a diferença prefaciando *milija* com uma frase *jak my mówim* ‘como nós falamos’ (4.M.44.IV; 7.M.43.IV; 10.M.65.III). Esse enquadramento situa a palavra em oposição de *kukurudza*, que é atribuída à pesquisadora usuária do polonês europeu com palavras *jak ty mówisz* ‘como tu dizes’ (4.M.44.IV). Esse forte caráter cultural, “nosso”, de muitos empréstimos é exemplificado pelo excerto (11), no qual dois colonos falam sobre ferramentas usadas no campo em dias de ontem e de novo têm que explicar a palavra desconhecida ao falante do polonês europeu (Linha Palmital, 14/11/2018):

(11) 3.F. *Ale wincyj makinarii. Wszysko makinaria. (...) niedługo maszynki sie zatraco, nikt nie sadzi kawa/ już nie wiedzo, co to kawadera (...)*

‘Há mais de maquinaria-GEN. Tudo maquinaria. Daqui a pouco as máquinas vão se perder, ninguém planta com cava/ já não sabem o que é cavadeira’

FALPOL P: *A co to jest kawadera?*

29 Tradução inferida do item *przeskoczuna*, literalmente ‘pulada’, que pode significar ‘coxa’, ‘travada’.

30 Tradução inferida. *Dysenija* pode vir do pt. ‘descendência’, mas seria uma criação bastante adulterada. Talvez se trate de um item do polonês antigo pois a palavra parece seguir o padrão fonotático típico por antigos empréstimos (cf. *milija* < pt. *milho*).

31 Além da palavra ser citada por Stańczewski (1925, p. 28), a antiguidade do empréstimo é demonstrada pela acentuação da penúltima sílaba que era corrente em palavras da proveniência estrangeira na língua polonesa antes do século XIX e depois começou a ser abandonada (DŁUGOSZ-KURBACZOWA, 2009). Outros exemplos são *historyja*, *lekcyjja*, *filozofija* contra modernos *historia*, *lekcja*, *filozofia* (sem a acentuação do [i]) ‘história’, ‘lição’, ‘filosofia’. Cf. o item *dysenija* usado pelo falante 7.M.43.IV.

E o que é cavadeira?

4.M.44.IV: **Kawadera** to tak dziubnonć w ziemie.

Cavadeira é assim picar no solo.

3.F. I **milije** posadzić.

E plantar milho-ACC.

É notável que no polonês europeu, a palavra para ‘maquinaria’, *maszyneria*, é também um empréstimo, só que do francês, uma língua com a qual as elites polonesas tinham mais contato na época. A cavadeira seria uma ferramenta desconhecida ou desnecessária no campo polonês; aliás, as realidades drasticamente diferentes do novo país exigiam uma maciça importação do léxico na área de agricultura, flora e fauna. As áreas que têm visto um enorme progresso ao longo do século XX, como tecnologia, infraestrutura, medicina e administração, são também as áreas nas quais se observa mais empréstimos no dialeto cruz-machadense (aliás, essas áreas são repletas de empréstimos também no polonês europeu). Ademais, em Cruz Machado essas áreas são frequentemente os domínios de uso da língua nacional:

(12) *Oni mi mowiły tylko, że to jes sarkoma. A tera to ja prawie pojechałam na Campo Largo pra operar. Ale nie pojechałam, bo ja wczoraj miałam konsulte tu w Porcie, dziabety. (...) A tu dochtor stund nie radził mnie ope- rować (35.F, 14/11/2018)*

‘Eles me disseram somente que é sarcoma. E agora eu quase que fui ao Campo Largo pra operar. Mas acabei não indo, porque ontem tive uma consulta-ACC. por aqui no Porto, diabete. E por aqui o doutor daqui não me aconselhou operar’

Observam-se também indicações de mudanças culturais, como no exemplo seguinte, no qual *namorować* < ‘namorar’ refere a um fenômeno desconhecido no tempo da imigração. Aliás, o polonês europeu também usa uma sequência de empréstimos (de inglês e francês) para descrever essa atividade hoje em dia.

(13) *Poszłam na bal kom intensao, jak to mówią, z nim namorować (24.F.57.III, Lajeado Liso, 5/11/2018)*

‘Então eu fui ao baile com a intenção, como eles dizem, de namorá-lo’

O excerto (14) destaca o fato de que o polonês dos primeiros imigrantes não tinha o nome para o conceito do banheiro em casa. O nome usado no polonês europeu, *łazienka*, é virtualmente ausente na amostra cruz-machadense.

(14) Nawet **baniera** nie było, take/ tak była taka budka postawiona tak **fora**
(25.F.61.III, Linha dos Couros, 5/11/2018)

‘Até **banheiro**-GEN. não tinha, assim tinha uma casinha colocada assim **fora**’

A prática de translinguagem permite que os falantes explorem as novas possibilidades de expressão:

(15) Jedna to dych taka bem, taka **morena**, czarna taka, **cor de cuia**, jak to gadajo (15.F.67.II, Vicinal II, 6/11/2018)

‘Uma é bem assim, assim **morena**, negra assim, **cor de cuia**, como eles dizem’

Por sua vez, no excerto (16), o falante está experimentando com um item vindo do polonês europeu, *kochać* ‘amar’. Significativamente, ele usa a palavra *Polaki* ‘poloneses’ no sentido exclusivo, colocando-se firmemente de fora do grupo designado.

(16) Jak to mówią Polaki, ja kocham to miejsce tutaj (23.M.66.III, Lajeado Liso, 5/11/2018)

‘Como o dizem poloneses, eu amo este lugar aqui’

A prática de translinguagem contextualiza também muitos fenômenos emergentes observáveis na fraseologia e estilística do dialeto cruz-machadense (ZAREMBA, 2021), como expressões híbridas, como *jakoś vai* ‘vai de alguma maneira’, *vai (indo) pomalutku* ‘vai indo devagarzinho’, *wiruj się* ‘vira-se’. A última frase é ainda mais engraçada, já que o verbo polonês *wirować* significa ‘girar, rodopiar’. Esse sentido duplo pode explicar a popularidade da frase nas colônias.

A presente seção explora como os próprios falantes constroem os códigos linguísticos disponíveis na sua comunidade e como os incorporam na sua prática de translinguagem. O polonês de imigração, a língua materna dos participantes do estudo, é visto como o código local: “o nosso” jeito de falar. O seu caráter “misturado” faz parte significativa dessa qualidade, pois remonta à história que conta mais de 100 anos de convivência com outros códigos linguísticos. Por isso, a presença de elementos do português na fala cruz-machadense é vista como natural e familiar. Alguns emprésti-

mos são muito mais comuns do que as palavras equivalentes usadas no polonês europeu. Itens vindos do português, como *rosa* ‘roça’, *kawadera* ‘cavadeira’, *milija* ‘milho’, *namorowac* ‘namorar’, *baniero* ‘banheiro’, dentre outros, são testemunhas de um desenvolvimento distinto do polonês de imigração e deveriam ser reconhecidas como tais, por exemplo, em programas didáticos da língua polonesa. Quanto ao polonês europeu, ele pode ser visto como um recurso de um outro tipo, com alguns colonos experimentando com itens vindos deste código. É importante destacar que os falantes são inflexíveis em sua insistência de que o polonês europeu é um código diferente da sua língua, embora eles reconheçam alguma inteligibilidade mútua. Esse comportamento é observado em outros estudos do tema. As comparações com o polonês europeu são naturais nas circunstâncias, já que se trata de uma língua codificada, estandardizada e conhecida que fornece um contraste óbvio para a fala informal, variável e local dos falantes. Pode-se até dizer que essas pistas são indicações da proficiência pragmática dos falantes que escolhem um ponto de referência conhecido para seus interlocutores. Ao enquadrar a sua língua como diferente e “misturada”, os falantes são também capazes de fugir de expectativas prescritivas que eles podem, não sem razão, identificar com a figura da pesquisadora externa. Em todas as citações aduzidas nesta seção, eles mostram-se competentes usuários da sua língua e estratégicos criadores da nova realidade linguística.

2.5.3 INTERAÇÕES TRANSLINGUADAS

Interações translinguadas, ou interações entre indivíduos que usam múltiplos códigos criativamente para atingir o seu objetivo conjunto, fazem parte da realidade cotidiana em comunidades plurilíngues. As entrevistas realizadas para este estudo podem ser vistas como um tipo de interação translinguada, como uma conversa na qual um participante usa um código (ou uma justaposição de códigos) e outro responde em outro código ou códigos. Esta seção aponta mais contextos desse tipo que foram mencionados por participantes do estudo. Como descrito, ao pesquisar dialetos do polonês de imigração pesquisa-se uma comunidade plurilíngue, na qual muitos códigos linguísticos convivem de maneira duradoura. Os dados indicam que o ato de “misturar” esses códigos faz parte da política linguística distinta da comunidade colonial. A convivência pode significar vários níveis de competência, de frases de cortesia, empréstimos ou palavras isoladas a padrões de *code-switching*, competência passiva e talvez até fluência.

Durante o trabalho do campo, por exemplo, eu encontrei várias pessoas na comunidade que se interessavam por meu projeto e afirmavam falar umas palavras do dialeto polonês só por educação, já que conheciam pessoas falantes. Vale reconhecer também que o polonês de imigração não precisa ser só uma língua de descendentes de migrantes polono-falantes. Participantes do estudo mencionam pessoas sem herança polonesa que aprenderam polonês com sucesso. Todos esses motivos são ainda pouco explorados na literatura.

Um exemplo no estudo é apresentado por participante 14.M.58, que é de origem indígena e alemã, mas aprendeu o dialeto polonês na meninice, trabalhando para vizinhos polono-falantes. Já adulto, casou-se com uma falante e aprendeu mais com a sogra dela, que não falava português. Ele também afirma entender alemão e menciona que o conhecimento do polonês lhe ajuda em conversações com membros da comunidade que não falam português. Isso pode indicar interações com falantes de outro código inteligível com o polonês, por exemplo, ucraniano de imigração.

Outros falantes no estudo mencionam histórias parecidas. Nos excertos seguintes, o adjetivo *czarny* ‘negro’, ‘moreno’ aparece como uma designação local para o fenótipo tipicamente associado com a etnia brasileira e, por extensão, denota todas as pessoas de ascendência diferente da polonesa. Veja-se também a adaptação *zmisturowany* ‘misturado’ de “misturar” no sentido de assimilação ou miscigenação (possivelmente um *switch* metafórico):

(17) *Tutaj to nie wiem, jak sie to mówi w Polsce tam, ale my tu gadamy czarne, nie? (...) To mało jes • a gdzie jaki jes, to już po polsku gada (...) bo już **zmisturowany** z Polakami (7.M.43.IV, Cária Doce, 8/11/2018)*

*‘Por aqui não sei como se diz lá na Polônia, mas por aqui a gente diz negros, né? Deles tem poucos. E se tiver qualquer, já fala polonês. Porque já se misturou [PREFIXO-**misturar**-PARTICÍPIO.MASC.SG.] com poloneses’*

(18) *A moja siostra żeniata. Też Brazylian. Jak prawie czarny jak • moje spodnie (...) Sie nauczył z drugimi. Bo tyż z samego małego on rozumiał tylko języka pols • portu gals kiego.³² **Daí** póniej poszed pracować, **daí** tak poszed do jednego sąsiada, do drugiego, **daí** Pol, Polaki były. **Daí** on sie nauczył polskiego też (...) **daí** tyż umie gadać, tyko już wiencej on sobie myśli. Co jak siostra co powie niemu, to on se pomyśli, dopiero odpowie (17.M.40.IV, Linha dos Couros, 5/11/2018)*

*‘Minha irmã é casada. Também um brasileiro. Assim quase negro como minha calça. Aprendeu com os demais. Porque também desde criança ele só entendia português. **Daí** depois ele foi trabalhar, **daí** foi a um vizinho, foi a outro, **daí** eram poloneses. **Daí** ele aprendeu polonês também. **Daí** ele sabe falar também, só que ele pensa mais. Qualquer coisa lhe fale minha irmã, ele pensa e só depois responde’*

Um caso muito interessante é apresentado pelo falante M, que já apareceu em uma interação citada anteriormente. O falante M é missionário polono-brasileiro, oriundo de regiões lestes na Polônia, falante do português e polonês europeu. Uma vez por

32 Esse item também vem do polonês europeu. Veja a hesitação e a pronúncia laboriosa do falante.

ano, ele circula pelo município e outros municípios adjacentes, visitando as pessoas polono-falantes e prestando ajuda espiritual. Desse jeito, ele tinha a oportunidade de familiarizar-se com a língua e acabou por aprender o padrão específico de *code-switching* usado em ambientes coloniais. Ele parece usar o polonês europeu como matriz para incorporar as alternâncias locais mais populares, por exemplo *konsulta* ‘consulta’, *famielia* ‘família’,³³ *krente* ‘crente’ [=aderente à denominação evangélica] etc. Ele não parece tentar adotar a matriz rural específica para o polonês de imigração, mas ele também foi gravado só marginalmente. O seu caso, porém, é interessante e merece estudos futuros.

2.6 RESUMO E CONCLUSÕES

O presente capítulo focou em uma questão pouco explorada em relação ao polonês de imigração, nomeadamente às práticas de translinguagem observáveis em comunidades plurilíngues. Em outras palavras, examinamos como as pessoas vivendo em várias colônias rurais no município de Cruz Machado, no interior do Paraná, usam o seu conhecimento de vários códigos em interações endo e intergrupais para criar uma distinta qualidade linguística. Translinguagem parece ser um padrão aceito na comunidade e é inextricavelmente ligado à cultura e identidade colonial. A fala *pól na pół* ‘metade a metade’ corresponde ao sentido de pertença a um grupo distinto que não se encaixa nos conceitos externos de polonidade ou brasilidade. Em suas próprias palavras, os falantes são poloneses *pól na pół* (4.M.44.IV), falantes de *mowa polska* que eles têm orgulho em guardar apesar do seu caráter diferente (22.F.77.III). Os termos ‘misturado’, *misturować*, usados em Cruz Machado em relação ao polonês de imigração, podem constituir um *switch* metafórico, simbolizando a natureza híbrida da língua e cultura em colônias polono-falantes no Brasil. Nas palavras dos participantes do estudo, mas também nas palavras de outros falantes citados na pesquisa do tema (DELONG, 2016; WEPIK, 2017), a localidade do código “misturado” é construída como oposta ao polonês europeu. O português é tratado como um recurso natural no desenvolvimento da língua colonial, especialmente em áreas nas quais a língua dos primeiros migrantes teria carecido de designações adequadas. A política linguística em casa e ambientes coloniais não parece construir nenhum tabu em torno dos atos de “misturar” e aborda o tema de maneira bastante direta, o que cria um contexto natural para as pessoas familiarizarem-se com os códigos disponíveis na comunidade. Essa familiarização pode significar o aprendizado de umas frases de cortesia para cumprimentar os vizinhos polono-falantes, o uso do padrão de *code-switching*, o desenvolvimento (ou preservação) de competência passiva ou uma aquisição total.

Em resumo, estudos de *translinguagem* nos dão uma visão de como os próprios falantes abordam e constroem os códigos ao seu redor. Essa perspectiva local é capaz de lançar nova luz sobre diferentes resultados de contato plurilíngue e pode ser aplicada a muitas áreas práticas, como didática da língua polonesa e portuguesa em

33 A popularidade desse item nas colônias é intrigante, já que as designações para membros de família mais próxima permanecem poloneses. A inserção do /e/ pode ser um processo rural, por exemplo a evasão de pronúncia mais estreita de vogais típica no campo polonês.

ambientes coloniais ou esforços de cooficialização. O tema é longe de ser exausto, especialmente dado à situação volátil do polonês de imigração. Os falantes com certeza têm muito mais a compartilhar, se estivermos dispostos a ouvir.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 1, n. 3, 2004, p. 83-93.
- AU, Terry Kit-fong; KNIGHTLY, Leah M.; JUN, Sun-Ah; OH, Janet S. Overhearing a language during childhood. *Psychological Science*, v. 13, 2002, p. 238-43.
- AUER, Peter. *The monolingual bias in bilingualism research, or: Why bilingual talk is (still) a challenge for linguistics*. In: Heller, Monica (org.), 2007, p. 319-339.
- AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: Toward a dynamic typology of bilingual speech. *Interaction and linguistics structures*, v. 6, 1998, p. 1-27.
- AUER, Peter. *Bilingual Conversation*. Amsterdam: Benjamins, 1984.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAILEY, Benjamin. *Heteroglossia and boundaries*. In: HELLER, Monica (org.), 2007, p. 257-277.
- BIALYSTOK, Ellen. *Bilingualism in development: Language, literacy, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BIELENIN-LENCZOWSKA, Karolina. A paisagem sociolinguística: A política, a diversidade e a migração no espaço público. *Fórum Linguístico*, v. 17, n. 4, 2020, p. 5275-5291.
- BLOCK, David. *On the appropriateness of the metaphor of loss*. In: TAN, Peter K. W.; RUBDY, Rani (orgs.), 2008, p. 187-203.
- BLOM, Jan Petter; GUMPERZ, John J. *Code-switching in Norway*. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell (orgs.), 1972, p. 407-434.
- BLOOMFIELD, Leonard. Literate and illiterate speech. *American Speech*, v. 2, p. 432-439, 1927.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. Trad. Duarte, Isabel Oliveira; Tenfen, Jonas; Bagno, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CONFORTIN, Helena. Bilinguismo polonês na região norte do Rio Grande do Sul. *Projeções*, vol. 4, n. 1, 2002, p. 62-76.
- COOK, Vivian. *Portraits of the L2 user*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

- COOK, Vivian. Background to the L2 user. In: COOK, Vivian (org.). *Clevedon: Multilingual Matters*, 2002b, p. 1-27.
- COSTA, Luciane Trennephol da. Sons oclusivos no polonês falado em Mallet, PR. *(Con)textos Linguísticos*, v. 10, n. 16, p. 52-66, 2016.
- COSTA, Luciane Trennephol da; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A coleta de dados do banco VARLINFE – variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. *Revista Conexão UEPG*, v. 11, n. 1, p. 100-109, 2015.
- COSTA, Luciane Trennephol da; GIELINSKI, Márcia Inês. Detalhes fonéticos do polonês falado em Mallet. *(Con)textos Linguísticos*, v. 8, n. 10, p. 159-174, 2014.
- DELONG, Silvia Regina. *Vitalidade linguística e construção de indentidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná*. 2016. Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- DŁUGOSZ-KURBACZOWA, Krystyna. *Historia i historyja*. Poradnia językowa PWN, 26 out. 2009. Disponível em: <https://sjp.pwn.pl/poradnia/haslo/historia-i-historyja;10570.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- DUBISZ, Stanisław (org.). *Język polski poza granicami kraju [Língua polonesa no exterior]*. Opole: Uniwersytet Opolski, 1997.
- FERREIRA, Alicja Goczyła. Os fatores de manutenção e de substituição de língua polonesa no contexto rural no Paraná (1876-2018). *Revista X*, v. 15, n. 6, p. 100-128, 2020.
- FERREIRA, Alicja Goczyła. *A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, Paraná*. 2019. Mestrado na Universidade Federal do Paraná.
- FERREIRA, Alicja Goczyła. Polskość na antypodach: wybrane aspekty historyczne i językowe polskiej obecności w Brazylii [Polonidade nas antípodas: alguns aspectos históricos e linguísticos da presença polonesa no Brasil]. *Postscriptum Polonistyczne*, v. 1, n. 21, p. 173-186, 2018.
- GARCÍA, Ofelia; LI, Wei. *Translanguaging: Language, bilingualism and education*. Londres, Nova York: Palgrave Macmillan, 2014.
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: A emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- GROSJEAN, François. *Bilingual: Life and reality*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.
- GROSJEAN, François. Neurologists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, v. 36, p. 3-15, 1989.
- GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell. *Directions in sociolinguistics*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- HAUGEN, Einar. Dialect, language, nation. *American Anthropologist*, v. 68, p. 922-935, 1966.

- HELLER, Monica (org.). *Bilingualism: A social approach*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- HNATIUK, Aleksandra; PACEWICZ, Piotr. “Ukraina odrzuca Rosję, która wdeptuje człowieka w ziemię – mówi prof. Hnatiuk, Polka i Ukrainka” [A Ucrânia rejeita a Rússia que pisoteia o homem no chão – diz prof. Hnatiuk, polonesa e ucraniana]. Entrevista em *OKO Press* 3 mar. 2022. Disponível em: <https://oko.press/ukraina-odrzuca-rosje-ktora-wdeptuje-czlowieka-w-ziemie-mowi-prof-hnatiuk-polka-i-ukrainka/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- HUANG, Jing. *Translanguaging in a Birmingham Chinese complementary school: Ideology and identity*. In: MAZZAFERRO, Gerardo, 2018, p. 69-86.
- JUNGBLUTH, Konstanze. Ethnicity in Motion: constructing Brasilidade by giving former migrants autochthonous status. *Gragoatá*, v. 22, n. 42, p. 27-43, 2017.
- KANDIAH, Thiru. *Epiphanies of the deathless native user’s manifold avatars: A post-colonial perspective on the native speaker*. In: Singh, Rajendra (org.), 1998, p. 79-110.
- KAWKA, Mariano. *Zapożyczenia portugalskie dialektu polsko-brazylijskiego* [Os empréstimos portugueses do dialeto polono-brasileiro]. *Obecność polska w Brazylii: Materiały z sympozjum Brazylia-Polska, Kurytyba 1988* [A presença polonesa no Brasil: Materiais do Simpósio Brasil – Polônia, Curitiba 1988]. Varsóvia: CESLA UW, 1988, p. 91-111.
- KAWKA, Mariano. *Os brasileirismos do dialeto polono-brasileiro*. 1982. Mestrado na Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- KUCHARSKI, Stefan. Bilinguismo e biculturalização nas comunidades étnicas polonesas no sul do Brasil. *Perspectiva*, v. 20, n. 69, p. 53-67, 1996.
- LINDE-USIEKNIEWICZ, Jadwiga. *Język polski w Brazylii* [Língua polonesa no Brasil]. In: Dubisz, Stanisław (org.), 1997, p. 273-285.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- MACIEL, Myrna Estella Mendes. *A língua polonesa na região sul do Brasil*. 2010. Mestrado na Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis.
- MASKE, Wilson. *As relações entre o Brasil e o Império Austro-húngaro: O caso da imigração ucraniana para o Brasil (1890-1910)*. In: PRUTSCH, Ursula; BERTONHA, João Fábio; SZENTE-VARGA, Mónika (orgs.), 2017, p. 113-136.
- MATRAS, Yaron; BAKKER, Peter (orgs.). *The mixed language debate: Theoretical and empirical advances*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- MAZUREK, Jerzy. *Presença polonesa no Brasil*. In: MAZUREK, Jerzy; OLIVEIRA, Márcio de; VILANI, Tadeu; WENCZENOVICH, Thaís J., 2009, p. 11-64.
- MAZUREK, Jerzy; OLIVEIRA, Márcio de; VILANI, Tadeu; WENCZENOVICZ, Thaís J. Polacy pod Krzyżem Południa. *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. Var-

- sóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, 2009.
- MAZZAFERRO, Gerardo (org.). *Translanguaging as everyday practice*. Turin: Springer, 2018a.
- MAZZAFERRO, Gerardo. *Language maintenance and shift within new linguistic minorities in Italy: A translanguaging perspective*. In: MAZZAFERRO, Gerardo (org.), 2018b, p. 87-106.
- MILANESKI, Ivanete. *Variação no português de contato com o polonês no Rio Grande do Sul: Vogais médias tônicas e pretônicas*. 2017. Doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MIODUNKA, Władysław. *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii: W stronę lingwistyki humanistycznej [Bilinguismo polono-português no Brasil: Rumo à linguística humanística]*. Cracóvia: Universitas, 2003.
- MIODUNKA, Władysław (org.). *Język polski w świecie [Língua polonesa no mundo]*. Varsóvia: PWN, 1990.
- MOORE, Emilee; BRADLEY, Jessica; SIMPSON, James (orgs.). *Translanguaging as transformation: The collaborative construction of new linguistic realities*. Bristol: Multilingual Matters, 2020.
- MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). *Gragoatá*, v. 32, p. 31-42, 2012.
- NIEWIADOMSKI, Sonia; COSTA, Luciane Trennephol da. Os sons fricativos no polonês falado no município de Cruz Machado, no Paraná. *Revista X*, v. 15, n. 6, p. 184-214, 2020.
- NIEWIADOMSKI, Sonia; COSTA, Luciane Trennephol da. Lenição e epêntese em grupos consonantais tautossilábicos na língua polonesa falada em Cruz Machado, Paraná. *Palimpsesto*, v. 28, p. 415-439, 2018.
- PAIKEDAY, Thomas M. *The native speaker is dead! An informal discussion of a linguistic myth with Noam Chomsky and other linguists, philosophers, psychologists, and lexicographers*. Brampton, Ontario: Lexicography Inc., 1985.
- PEREIRA, Ivelã. A voz de polono-brasileiros: Um contexto histórico Sul Paranaense. *Working Papers em Linguística*, v. 18, n. 1, p. 23-45, 2017.
- POLINSKY, Maria. *Heritage languages and their speakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- PRUTSCH, Ursula; BERTONHA, João Fábio; SZENTE-VARGA, Mónika (orgs.). *Aventureros, utopistas, emigrantes: del Imperio Habsburgo a las Américas*. Frankfurt am Main, Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2017.
- RAIMAN, Marcin. O możliwości kooficjalizacji języka polskiego na terenie brazylijskich municypiów [Sobre a possibilidade de cooficialização da língua polone-

- sa em municípios brasileiros]. *Postscriptum Polonistyczne*, v. 1, n. 21, p. 187-199, 2018.
- ROSENBERG, Peter. *Anything goes?* The gains and losses of the constructivist view on ethnicity: Some considerations based on German 'language islands' studies. In: ROSENBERG, Peter; JUNGBLUTH, Konstanze; RHOBODES, Dagna Zinkhahn (orgs.), 2015, p. 149-204.
- ROSENBERG, Peter; JUNGBLUTH, Konstanze; RHOBODES, Dagna Zinkhahn (orgs.). *Linguistic construction of ethnic borders*. Frankfurt: Peter Lang, 2015.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Language vitality and transculturalization of European immigrant minorities: Pomeranian in Brazil. *Diadorim*, v. 22, n. 1, p. 79-92, 2020.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Letícia. A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone. *Working Papers em Linguística*, v. 18, n. 1, p. 6-22, 2017.
- SCHNEIDER, Britta; JUNGBLUTH, Konstanze. Beyond boundaries: Using liquid languages. Interview with Britta Schneider about 'Liquid Languages'. *Gragoatá*, v. 26, n. 54, p. 436-444, 2021.
- SIMPSON, James. *Translanguaging in ESOL: Competing positions and collaborative relationships*. In: MOORE, Emilee; BRADLEY, Jessica; SIMPSON, James (orgs.), 2020, p. 41-58.
- SINGH, Rajendra (org.). *The native speaker: Multilingual perspectives*. Nova Delhi: Sage Publications, 1998.
- SOUZA, Aline Rafaella de. *Variação do complemento preposicional de locativo do verbo Ir de movimento na fala de descendentes de eslavos*. 2017. Mestrado na Universidade Estadual do Centro-Oeste.
- STAŃCZEWSKI, Józef. Wpływ języka portugalskiego na język kolonistów polskich w Brazylii [Influência do português no idioma de colonos poloneses no Brasil]. *Świat Parański*, v. 6, p. 18-34, 1925.
- STARKS, Donna. *Translanguaging: A vital resource for first nations peoples*. In: MAZZAFERRO, Gerardo (org.), 2018, p. 107-125.
- SZYDŁOWSKA-CEGŁOWA, Barbara. *Pamiętniki emigrantów jako źródła badań językoznawczych* [Diários de emigrantes como fontes dos estudos linguísticos]. In: MIODUNKA, Władysław (org.), 1990.
- TAN, Peter K. W.; RUBDY, Rani. *Language as commodity: Global structures, local marketplaces*. Londres, Nova York: Continuum, 2008.
- THOMASON, Sarah G. *Social factors and linguistic processes in the emergence of stable mixed languages*. In: MATRAS, Yaron; BAKKER, Peter (orgs.), 2003, p. 27-46.

WEPIK, Fernanda Fátima. *Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: O uso dos termos de parentesco*. 2017. Mestrado na Universidade Federal da Fronteira Sul.

ZAREMBA, Karolina J. *Polonês rural em Cruz Machado, Paraná*. 2021. Doutorado escrito na Universidade Federal Fluminense e Universidade Europeia Viadrina.